

Percepções do mundo natural: o pampa na visão de viajantes europeus no início do século XIX.

João Davi Oliveira Minuzzi¹

Muitas pessoas circularam pelo espaço do pampa no início do século XIX, ele era o cenário fronteiro entre os estados nacionais que estavam se formando. Esta fronteira era tanto um espaço de conflito como um espaço de integração e de desenvolvimento de uma identidade comum. Foram naqueles campos que projetos de novas nações surgiram e, como demonstram Mariana Thompson Flores e Luís Farinatti (2009), profundas ligações sociais, econômicas, militares, culturais e políticas se desenvolveram nesta zona de fronteira dinâmica.

Os diferentes grupos populacionais que viviam nesta zona de fronteira eram muito diversos e não estavam isolados, mantinham intenso contato entre eles seja dentro do território demarcado pela fronteira ou entre os dois lados dela. Viver ali “era uma situação que propunha problemas e possibilidades diversos para os agentes, conforme fosse a sua posição social” (FLORES; FARINATTI, 2009: p.158), este espaço cheio de contatos propiciou diversas trocas, inclusive trocas de ideias, algumas delas sobre o próprio ambiente. Por mais que seja difícil de ser realizada, uma pesquisa sobre a dispersão de pensamentos ambientais nesta região pode ter como ponto de partida o estudo de relatos de viagens, esta é uma busca que estamos tentando desempenhar aqui. O presente trabalho trás alguns resultados do meu trabalho de conclusão de curso e soma-se a pesquisa expandida que estou me propondo a fazer ao longo do mestrado, procurarei trazer aqui algumas teorizações e resultados deste trabalho incipiente.

O bioma pampa

Já introduzimos de forma breve o nosso recorte espacial, a zona fronteira entre Brasil, Uruguai e Argentina. Esta fronteira esteve em constante disputa e reformulação durante o final do século XVIII e ao longo do século XIX. Do ponto de vista ambiental a

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), bolsista Capes- DS. Orientado pelo Prof. Dr. Luís Augusto Ebling Farinatti (UFSM) e co-orientado pelo Prof. Dr. Carlos Henrique Armani (UFSM).

região está caracterizada pelo o que chamamos de bioma pampa (IBGE, 2004), porém, como demonstra Gerhard Overbeck (2009: p.29), a denominação desse tipo de bioma está longe de ser um consenso, sendo encarada como um desafio de nomenclatura nos dias atuais. Utilizaremos neste trabalho a palavra pampa que é “de origem quíchua, língua aborígine da América do Sul, também falada no império Inca, significa “região plana” e está associada à paisagem dominante de extensas planícies cobertas de vegetação rasteira” (SUERTEGARAY; SILVA, 2009, p.43). Consideramos o termo como o mais adequado, mesmo que esta denominação não tenha sido, necessariamente, utilizada majoritariamente durante o período histórico pesquisado.

O pampa “ocupa uma área de aproximadamente 700 mil km², compartilhada pelo Brasil, Argentina e Uruguai, sendo que no território brasileiro se distribui pela metade sul do Rio Grande do Sul, abrangendo 176.496 km², o que corresponde a 64% do território gaúcho” (SILVA, 2009, p.6). O pampa é ainda caracterizado como “uma enorme área plana, bem aguada ao leste e cada vez menos servida de água à medida que se avança do Atlântico e do rio da Prata para os Andes” (CROSBY, 2011, p.168), possuindo ainda outras características marcantes, como leves ondulações, uma pequena quantidade de árvores presentes na maioria das vezes próximos aos diversos rios e arroios, um clima bem marcado pelas estações e uma paisagem de vastas pastagens. Notavelmente este bioma apresenta diferenças se reduzirmos a escala de análise e compararmos regiões específicas dentro dele, aqui nos caberá uma análise menos profunda desta questão. Na zona litorânea os campos se apresentam mais alagadiços e na zona ecotone à mata atlântica estes campos apresentam maior quantidade de arbustos e árvores, devido ao clima mais favorável a expansão das florestas, este movimento, segundo Gerhard Overbeck (2009: p. 33) tem sido observado em outras regiões campestres do mundo, devido a diversos fatores.

A região do pampa é considerada para Alfred Crosby (2011) uma Neo-Europa, ou seja, uma região que possui características ambientais mais próximas a da Europa², favorecendo com que as plantas e animais europeus daquele período conseguissem mais facilmente se adaptar nestas regiões em relação a regiões tropicais com características naturais mais exóticas. Durante o período de colonização europeia sobre este território, o autor

² Importante destacar que este conceito não trás uma carga identitária ou qualquer sentido político ou de supremacia de uma região sobre a outra. Visa apenas comparar duas regiões ecologicamente semelhantes.

defende que houve mudanças drásticas em diversos aspectos da região, não sendo diferente com os elementos naturais que foram modificados em relação a sua fauna, flora e paisagem original.

Neste contexto os europeus provocam alterações que em menor escala já vinham ocorrendo com a presença de outros grupos humanos na região dos campos. Diferentes práticas de exploração e uso do território são mescladas com o saber da população nativa e da população africana, ocasionando uma utilização e apropriação do espaço característica daquele contexto em específico. O caso mais notável é a introdução de *gado vacum* e *cavalar*, que encontraram “nas pradarias do pampa um ambiente propício para sua reprodução” (ZARTH; GERHARDT, 2009: p.254) e vieram a modificar o uso e a visão sobre o pampa até os dias atuais.

Cavalos em tamanha profusão, selvagens ou domesticados, inexistem em qualquer outra parte do globo. A sua abundância moldou a sociedade dos Pampas mais firme e permanentemente do que a descoberta de ouro seria capaz. O metal não teria durado muito, ao passo que as gigantescas manadas de cavalos selvagens, elemento indispensável da cultura dos gaúchos, perduraram por dois séculos e meio. (CROSBY, 2011: p.195).

Ao mesmo passo que as plantas e animais conseguiam prosperar nas Neo-Europas³, devido à ausência de predadores e outros fatores, os colonos buscaram assemelhar estes territórios a aquelas referências que eles guardaram na memória, este foi “um processo alimentado, continuamente no tempo, tanto no plano das ideias como das ações por cronistas, viajantes, políticos e pelos historiadores” (WITTER, 2007, p.4). E assim, as Neo-Europas, como o pampa, foram se tornando cada vez mais parecidas com a Europa, do ponto de vista natural e cultural, sendo parte integrante de discursos variados, especialmente os de caráter identitário e nacionalista. O pampa afasta-se assim de suas características originais depois de séculos de ocupação humana, ocorrendo uma modificação do ambiente antes mesmo do processo de industrialização, que geralmente é erroneamente visto como o único fator de modificação ambiental da História.

Diferentes formas de percepção do mundo natural

³ Costa leste do Canadá e Estados Unidos, África do Sul, Nova Zelândia e boa parte da Austrália.

Nossa pesquisa está fundamentada no campo da História Ambiental, que tem crescido e se consolidado no Brasil, de forma que este trabalho visa participar deste processo e ampliar os horizontes das pesquisas que tem sido feitas na área. A “História ambiental lida com o papel e o lugar da natureza na vida humana” (WORSTER, 2003: p.25) tendo como objetivo “aprofundar nossa compreensão de como os humanos têm sido afetados pelo seu ambiente natural através do tempo e,..., como a ação humana afetou o ambiente e quais foram as consequências” (WORSTER, 2003, p.25). Para os estudos em História Ambiental, se deve ter “uma abordagem cada vez mais ampla e inclusiva na investigação histórica” (PÁDUA, 2010, p.94), em busca de estudos cada vez mais interdisciplinares, por isso o historiador deve estar aberto ao diálogo com outros campos da ciência, por mais desafiador que isto possa ser.

O trabalho aqui apresentado se encaixa em uma das linhas que a História Ambiental segue, que é o estudo das “percepções, valores éticos, leis, mitos e outras estruturas de significação [que] se tornam parte do diálogo de um indivíduo ou de um grupo com a natureza” (WORSTER, 1991: p.202). Buscamos compreender as diferentes formas de se perceber a natureza no período estudado e conseguir relacionar estas linhas de pensamento aos registros deixados pelos viajantes europeus. Estes viajantes percorreram diversos pontos do Novo Mundo em busca de objetivos diversos, mas na grande parte das vezes era para coletar informações científicas preciosas sobre a fauna, a flora e as sociedades da América, tudo através de um olhar europeu que é muito peculiar. Para isso devemos nos ater as formas de pensamento europeu do período.

Segundo Kirkpatrick Sale sabemos muito pouco sobre outras sociedades do mundo, especialmente sobre seus “hábitos e convicções ecológicas, mas o acordo erudito geral é o de que a Europa, em fins da época medieval, pode ser considerada como diferente” (SALE, 1992: p.87), considerando o mundo natural de forma hostil e antagônica a sociedade, para o autor em “nenhum lugar surgiu a ideia de que o progresso humano e o melhoramento material teriam que ser conquistados combatendo a natureza” (SALE, 1992: p.88), esta visão se irradiou por séculos e pelos continentes por onde os europeus se espalharam. Vamos analisá-la de forma mais profunda.

Para compreendermos melhor como as pessoas, especialmente os intelectuais, viam a natureza naquele período, dois autores serão imprescindíveis, o brasileiro José Augusto Pádua (2002), que enumera aspectos do pensamento social brasileiro a respeito da natureza no

século XVIII e XIX, e Keith Thomas (2010) que foca seu trabalho em uma variedade de pensadores ingleses e europeus do século XV ao XIX.

Para Pádua (2002) existem cinco grandes e expressivas formas de pensar o mundo natural no século XIX, a primeira corrente é a visão que desvalorizava o meio natural e não se importava com a destruição do mesmo, sendo indiferentes a estes espaços ou vendo eles de forma depreciativa. A segunda corrente é a que reconhece a grandeza do meio natural, mas considera sua exuberância excessiva impedindo o desenvolvimento das sociedades. A terceira seria a visão que louvava a pujança do meio natural, mas considerava a sua destruição um preço pelo progresso. Outra visão seria a que louvava intensamente a natureza, ao mesmo tempo em que ignorava seu desaparecimento ou problemas, se aproximando da visão dos artistas românticos. Por fim, uma visão marcante entre pensadores brasileiros, como José Bonifácio, que moderadamente apreciavam a natureza e não aceitavam sua destruição, que equivaleria ao atraso, ignorância e falta de cuidado. Claro que estas visões aqui apresentadas não passam de recortes explicativos sintéticos e didáticos, elas possuem um estudo maior na obra do autor.

Já Keith Thomas trabalha com diversas ideias em um período de tempo bem mais longo. Ele escreve:

Para os propagandistas agrícolas dos séculos XVI e XVII, as charnecas, montanhas e pântanos não lavrados eram o símbolo vivo do que merece ser condenado,..., eles louvavam o solo que as duras penas fora 'limpo ou conquistado à mata, aos arbustos, giestas e tufos'. As antigas terras de pastagem juncosas deviam ser aradas e drenadas; os parques de cervos eram um desperdício e havia reservas florestais e de caça em demasia. (THOMAS, 2011: p.360)

Esta forma de pensar perdurou por muito tempo, “durante todo o século XVIII e algum tempo ainda, os aprimoradores continuaram a louvar essa paisagem uniforme de opulência e produtividade e a deplorar as vastidões não cultivadas” (THOMAS, 2011: p. 360). Pela força que esta visão possuiu, e que ainda possui, uma das hipóteses é que os viajantes compartilhassem deste pensamento, em partes ou completamente. Também é válido ressaltar que os campos do pampa são vistos ainda hoje, por um senso comum, como vastidões ao perder de vista ou deserto populacional e cultural, esta percepção é ainda mais provável de ser identificada no início do século XIX, onde muitas terras ainda não estavam cultivadas e a

densidade populacional era menor. Segundo Zarth e Gerhardt (2009) a baixa densidade populacional e os grandes latifúndios pastoris fazem surgir as primeiras menções a “deserto” ou “deserto verde”, tendo aqui sentido pejorativo de terra sem nada.

Pelos campos eles passaram

Nos campos do pampa caminharam muitos viajantes, levando seus companheiros de expedição, guias locais, amostras de flores nativas e especialmente ideias e concepções a cerca da natureza. Deparando-se com um bioma diferente daqueles locais de onde se originaram, os viajantes europeus trouxeram consigo uma bagagem e compartilharam ela com diversas pessoas que no pampa viviam, a troca dessas ideias se deu em vários aspectos, entre eles o pensamento a cerca do ambiente. Porém, como Alfred Crosby (2011) demonstrou, o pampa não diferia da natureza europeia tanto quanto as regiões tropicais do resto da América, que eram ao olhar europeu muito mais exóticas, porém mesmo sendo considerado uma Neo-Europa, o pampa ainda era um espaço distinto do ponto de vista desses viajantes.

Qual seria o papel destes viajantes para a construção de ideias sobre a natureza, em especial sobre o pampa? Qual o papel das ideias deles e o papel dos elementos naturais presentes no pampa na constituição de identidades locais, regionais e nacionais? Estas são perguntas em aberto que a pesquisa ainda deverá se ater, mas o caminho que estamos trilhando nos leva a crer que a circulação dos escritos dos viajantes ou de suas ideias podem ter sido em um nível maior do que imaginamos. Também podemos supor, neste momento, que as ideias registradas dos viajantes representavam ideias comuns a população local, ou pelo menos, representava alguns grupos na suas formas de pensar e agir em relação ao mundo que os cercava. Porém ainda é cedo para nos aprofundarmos nesta questão. O que gostaria de destacar no momento é que os relatos de viajantes nos possibilitam o acesso a informações sobre as questões ambientais do período, que talvez não encontremos em outros tipos de fontes. Reconstruir este passado é um tanto difícil, mas é importante, pois poderemos saber como se compôs a relação do homem com o ambiente do pampa ao longo do tempo, afastando-nos de uma perspectiva simplista de considerar que o homem sempre olhou o espaço pela mesma perspectiva.

O caso de Auguste de Saint-Hilaire

Trago aqui parte de um estudo mais aprofundado sobre um desses viajantes, no caso irei expor algumas análises sobre o escrito de Auguste de Saint-Hilaire, um dos mais famosos viajantes do século XIX que serviu como base para inúmeros trabalhos da historiografia brasileira por, especialmente, dois motivos: ter viajado por grande parte do território brasileiro do século XIX e ter voltado sua atenção para diversos elementos do cotidiano do país, servindo assim como fonte para compreendermos melhor aquele período em diversos sentidos. Deve-se ter claro que a fonte não deve ser lida como se ali estivesse “A verdade”, muito pelo contrário, o registro de Saint-Hilaire, bem como de outros viajantes, está constituído de percepções, intenções e julgamentos. Também não podemos desconsiderar que esta fonte pode ter sofrido certas alterações ao longo do tempo e através de diferentes edições. Ela também não expressa o pensamento geral do período, mas nos dá pistas sobre as formas de pensar e as formas de interagir com o meio naquele período e naquele local.

Saint-Hilaire nasceu na cidade francesa de Orleans em 1779, morreu em 1853. Segundo Kury (2003), o viajante vinha de família nobre, estudou na Alemanha e desenvolvia diversos estudos sobre a História Natural, especialmente sobre frutos. Era um cientista de certo renome em seu país, tendo prestígio no meio científico de Paris e da França. Hoje ele é um personagem pouco lembrado pelos seus compatriotas e pela historiografia de seu país. Sua formação se deu em botânica e ele estudava História Natural.

Segundo Kury (2003), Saint-Hilaire chegou ao território brasileiro em 1816, financiado pelo estado francês e participando de uma comitiva do Duque de Luxemburgo, para criar laços diplomáticos entre Brasil e França. Os dois países possuíam uma situação diplomática fragilizada devido à invasão de Napoleão Bonaparte a Portugal, que ocasionou a vinda da corte portuguesa para o Rio de Janeiro. Após o período napoleônico, havia um impasse sobre a posse da Guiana e o Duque de Luxemburgo veio ao Brasil em busca de resolver este problema. O duque era amigo da família de Saint-Hilaire, o que facilitou a sua viagem, sendo esta um sonho que ele nutria fazia muito tempo. Ele percorreu boa parte do território brasileiro permanecendo aqui durante muitos anos e escrevendo sobre diversos lugares e diversas coisas, tornando-se importante fonte de estudos sobre escravidão, cotidiano, etc.

Em viagem pelo pampa, Saint Hilaire percorre boa parte do território do atual estado do Rio Grande do Sul e do Uruguai, fazendo diversas observações interessantes sobre a constituição deste ambiente e a também sobre a relação da sociedade com o seu meio. Saint-Hilaire acaba destacando bastante a presença humana nos locais visitados do pampa, indo contra a conclusão da autora Isadora Eckardt (2009), que faz um estudo sobre Minas Gerais e considera que lá, Saint-Hilaire acabou apagando a presença humana do território, ao focar-se apenas nas observações técnicas.

Em seus relatos, o naturalista francês não deixa de comparar o território que percorre com o da sua terra mãe. Aqui, talvez não seja uma questão de tratar da superioridade de um ambiente sobre o outro⁴, mas mais a busca por referenciais que auxiliem na tentativa de compreender e explicar aquilo que estava vivenciando. Às vezes, são traçadas comparações com sentido negativo, mas elas são menos presentes do que aquelas que traçam paralelos e buscam exemplificar algo. Muitas referências são dadas ao território brasileiro já percorrido por ele, seja no próprio pampa, seja em regiões como a de Goiás ou Minas Gerais.

Três ideias frequentes estão associadas à percepção do pampa como um deserto; as ideias de progresso e melhoramento do ambiente; e a noção de beleza do viajante atrelada principalmente ao caráter produtivo da terra. Vamos trabalhar estes aspectos nas páginas a seguir.

Zarth e Gerhardt (2010) apontam que a associação da imagem de deserto ao pampa está presente pelo menos desde 1785, em relatório do general João Francisco Roscio, sendo até hoje bastante presente. Saint-Hilaire repetidamente irá fazer comentários sobre a mesmice da paisagem ou sobre a sensação de vazio, seguem trechos de seu relato: “continua a mesma planície, sem a menor ondulação de terreno, com muito poucos capões” (SAINT-HILAIRE, 1987, p.53. Na Estância do Barros, entre Viamão e o Estreito, em 01-08-1820.), “continua a mesma planície, quase nenhuma árvore nos campos” (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 53. Na Estância de São Simão, entre Viamão e o Estreito, em 02-08-1820.), “continuamos a percorrer uma região muito plana e arenosa, coberta de pastagens muito magras” (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 54. Em Bujuru, entre Viamão e o Estreito, em 03-08-1820.). Esta passagem pelo

⁴ Como frequentemente ocorreu nas análises de europeus sobre a natureza americana, sendo exemplo disso o caso do naturalista Buffon. Para mais detalhes do pensamento de Buffon e outros autores com perspectiva semelhante – de depreciar a natureza americana em relação à europeia – ver a obra de Antonello Gerbi, “O novo mundo” (1996).

istmo da Lagoa dos Patos é talvez a mais marcante, mas ele repetidamente faz observações deste estilo, “a região hoje percorrida é absolutamente semelhante à que ontem atravessasse; igualmente plana, só oferecendo pastagens extremamente rasas, onde pastam numerosos animais” (SAINT-HILAIRE, 1987, p. 99. Na Estância do velho Terras, próximo de Rio Grande, em 21-09-1820). Ao vivenciar sua experiência por aqueles campos a perder de vista e recentemente abalados pela guerra, Saint-Hilaire irá destacar por diversas vezes a baixa produtividade e aproveitamento da região. A guerra talvez seja um fator explicativo importante, já que ela desorganizou a região, muitas pessoas morreram e muitas migraram, deixando tudo para trás. A quantidade populacional dessa região não era tão expressiva naquela época, aumentando ainda mais a sensação de vazio.

A visão do pampa como um deserto não está atrelada diretamente a ideia de ele ser árido, mas de ser uma zona que não fora ainda povoada e explorada. Aqui podemos ver outra faceta de Saint-Hilaire, a ideia de melhoramento e progresso, que é compartilhada por outros viajantes, como nos sugere Amaral (2003), sendo um caso mais perceptível o de Nicolau Dreys. Esse tipo de visão está muito atrelado ao pensamento econômico sobre o meio ambiente e talvez seja uma das expressões mais fortes daquele período.

O ideal de progresso está muito presente nos relatos dos viajantes, pois eles trazem experiências pessoais e buscam aconselhar como deve ser gerida a terra, sendo muito importante, neste sentido, povoar e produzir, mas não basta apenas produzir, deve-se tirar da terra o máximo que ela possa oferecer, para que assim se tenha uma sociedade próspera e por vezes, bonita.

Aqui desfrutamos esta magnífica vista, e a choupana, junto à qual estivemos parados, se localiza à margem do lago. Este lugar seria delicioso se os arredores do lago fossem cultivados e povoados de casa, uma vez que a mais bela paisagem precisava ser animada pela presença e trabalho do homem. Entretanto mal se vêem, de longe em longe, algumas miseráveis choupanas. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.15. Na Estância do Meio, próximo de Torres, 08-06-1820).

A paisagem, para Saint-Hilaire, só poderia ser verdadeiramente admirável se estivesse povoada e cultivada, ou seja, se a interferência da sociedade fosse notada de forma clara e pujante. Assim a falta de trabalhadores e gente que povoasse aquela região seriam aspectos que deveriam sofrer modificações para que daquela região se extraísse os frutos que a natureza estava oferecendo.

Não haveria nada mais delicioso no mundo, se as margens do Jacuí ou do Uruguai fossem habitadas por homens trabalhadores; se um dia as casas de campanha e jardins margeassem esses rios e se, no meio das árvores que cobrem essas ilhas de que falei, avistássemos plantações e moradias. (SAINT-HILAIRE, 1987, p.222. No Campo de Belém, 17-01-1821).

Porém além de povoar era importante conhecer do que se constituía o ambiente, tarefa essa que muitos dos viajantes naturalistas compram para si. “A falta de braços impede todos os atualmente que os brasileiros aproveitem recursos que o país oferece, mas será bom que os conheçam, para que possam aproveitá-los no momento oportuno” (SAINT-HILAIRE, 1987, p50-51. Em Viamão, 28-07-1820). Assim de pouco serviria uma quantidade grande de população se eles não soubessem extrair da natureza todo o seu potencial, por isso as ideias de melhoramento eram tão presentes. Neste contexto a ideia progressista está muito atrelada ao cientificismo herdeiro do Iluminismo, visões que se somam e são parte importante do pensamento ambiental oitocentista.

Dentro dessas ideias de progresso e melhoramento está a visão do que era belo, para Saint-Hilaire, o belo da natureza estava muito dependente da sua capacidade de gerar riqueza. Visão não muito distinta de outras pessoas, pois durante bom tempo na sociedade europeia o belo era o produtivo, “uma paisagem domesticada, habitada e produtiva era bela. Faziam seu o antigo ideal clássico, que associava beleza e fertilidade. Nos séculos XVI e XVII era sempre o cenário fértil e cultivado que os viajantes admiravam” (THOMAS, 2011, p.361).

A visão extrema de progresso e melhoramento das terras cultiváveis foi muito forte até fins do XVIII, não deixando de existir, mas passando a sofrer fortes críticas perto do final do século, como aponta Thomas (2011). Saint-Hilaire estando no pampa entre 1820 e 1821 poderia ter tido influência de visões críticas a este modelo? Acreditamos que sim, pois em diversas passagens o viajante demonstra ter apreço por elementos da natureza que não estão necessariamente vinculados ao progresso da nação. Porém a visão mais tradicional ainda era muito forte em seu pensamento, mas não impedia a existência de uma mescla de pensamentos que hoje nos fornece um material riquíssimo de estudo.

Conclusão

Os resultados apresentados até aqui são apenas parciais e expõe um pouco do início da minha pesquisa de mestrado. Como se é capaz de notar, alguns elementos ainda podem aprofundados e o estão sendo. Optamos aqui por um recorte e por isto é apenas uma pequena análise que não explicita de forma mais densa os tópicos propostos, mesmo pela questão de limite de espaço que este artigo possui.

Irei ainda trabalhar com outros relatos de viajantes, entre eles Arsène Isabelle, Nicolau Dreys, Robert Avé-Lallemant e Alexandre Baguet, constituindo uma amostra de viajantes de diversas formações e nacionalidades, permitindo assim um estudo futuro sobre as diferenças e aproximações de pensamento entre eles, propiciando reflexões mais complexas sobre o tema. Outro objetivo na sequência deste estudo é que possamos reforçar nossa compreensão sobre a natureza do pampa no século XIX, distinguindo e problematizando as diferentes formas de interação e percepção deste espaço.

Referências

AMARAL, Marise Basso. **Histórias de Viagem e a produção cultural da natureza: a paisagem do Rio Grande do Sul segundo os viajantes estrangeiros do século XIX.** Porto Alegre: UFRGS, 2003.

CROSBY, Alfred. **Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa 900-1900.** São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

ECKARDT, Isadora. **A perspectiva científica da literatura de viagem do século XIX: Auguste de Saint-Hilaire.** [S.l.]: Revista Estação Literária, v. 4, 2009.

FLORES, Mariana; FARINATTI, Luís Augusto. A fronteira manejada: apontamento para uma História social da fronteira meridional do Brasil, século XIX. In: **Experiências nacionais, temas transversais: subsídios para uma História comparada da América Latina.** Org. HEINZ, Flávio. São Leopoldo: Oikos, 2009.

GERBI, Antonello. **O novo mundo: História de uma polêmica (1750-1900).** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

IBGE 2004. Mapa da vegetação do Brasil e Mapa de Biomas do Brasil

OVERBECK, Gerhard; Et.al. Os Campos Sulinos: um bioma negligenciado. In: **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. P. 26-41

PÁDUA, José Augusto. **Um sopro de destruição: Pensamento político e crítica ambiental no Brasil escravista (1786-1888)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: ERUS, 1987.

SALE, Kirkpatrick. **A conquista do Paraíso: Cristóvão Colombo e seu legado, uma biografia revisionista do grande descobridor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1992.

SILVA, Marcelo Dutra da. Bioma Pampa um sistema ameaçado. **Diário Popular**, Pelotas, 08 de jul. 2009.

SUERTEGARAY, Dirce; SILVA, Luís Alberto. Tchê Pampa: histórias da natureza gaúcha. In: **Campos Sulinos: conservação e uso sustentável da biodiversidade**. Brasília: MMA, 2009. P. 42-62.

THOMAS, Keith. **O homem e o mundo natural: Mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais (1500-1800)**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

WITTER, Nikelen. **Apontamentos para uma história da doença no Rio Grande do Sul (séculos XVIII e XIX)**. Pelotas: História em Revista, v. 11, 2007.

WORSTER, Donald. **Para fazer História Ambiental**. Rio de Janeiro: Estudos Históricos vol. 4, n. 8, 1991.

WORSTER, Donald. **Transformações da terra: para uma perspectiva agroecológica na História**. [s.l.]: Ambiente & Sociedade, vol. V, n. 2, 2003.

ZARTH, Paulo Afonso; GERHARDT, Marcos. Uma História Ambiental do Rio Grande do Sul. In: Althen Teixeira Filho (Org.). **Lavouras de destruição**: a imposição do consenso. Pelotas: Livraria mundial, 2009.